

Perspectivas da Educomunicação: estratégia para a formação de uma mídia democrática

Francisco Pontes de Miranda Ferreiraⁱ

Resumo: Este texto trabalha a junção entre “Pedagogia do Oprimido” e a Educomunicação popular. Analisadas como ferramentas libertadoras importantes que podem se utilizar de forma crítica e transformadora das mídias contemporâneas.

Palavras-chaves: Pedagogia libertadora, mídias contemporâneas e Educomunicação

Abstract: This text promotes a combination between “Pedagogy for the Oppressed”, developed by Paulo Freire, and popular Educommunication. Analysed as an important tool and strategy that, used in a critical and transforming form, can utilize contemporary medias.

Key-Words: Liberation Pedagogy, contemporary medias and Educommunication

Introdução

Pensamos na educomunicação como uma estratégia importante para os movimentos sociais. Uma forma eficiente para a sociedade civil conseguir voz. A educomunicação fortalece a mudança social através do empoderamento popular das mídias contemporâneas utilizando-se ferramentas simples e acessíveis da era digital.

A educomunicação é uma estratégia nova e extremamente importante e eficiente para se criar o empoderamento popular e das comunidades através da comunicação. A implantação e o desenvolvimento de ações de educomunicação se apresenta como recurso essencial com o objetivo de proporcionar informação, condições de participação e de transformações

nos modos de produção. Produzir, gerir e disponibilizar de forma interativa e dinâmica a educomunicação torna-se fator essencial para garantir a gestão participativa e sustentável do território.

Trata-se da formação de jovens e crianças para a utilização da comunicação como ferramenta de intervenção e transformação. O material de educomunicação deve ser produzido de forma coletiva e provocar o desenvolvimento de canais de fortalecimento da organização social. Processo que envolve a apropriação dos instrumentos de comunicação pelas comunidades. Promover assim a comunicação na perspectiva de seu potencial de educação incentivando a argumentação e a mobilização. Nesse sentido temos que aproximar as percepções socioambientais e valorizar as experiências humanas.

Compreendemos como o principal agente da ação comunicativa e educativa as próprias comunidades e a Educomunicação como um processo político que visa o desenvolvimento do pensamento crítico para a promoção de ações transformadoras e responsáveis de intervenção e gestão do espaço geográfico. Só a criação de sujeitos críticos e ativos promove a emancipação necessária para superar as injustiças e desigualdades sociais.

Sem oprimidos e opressores

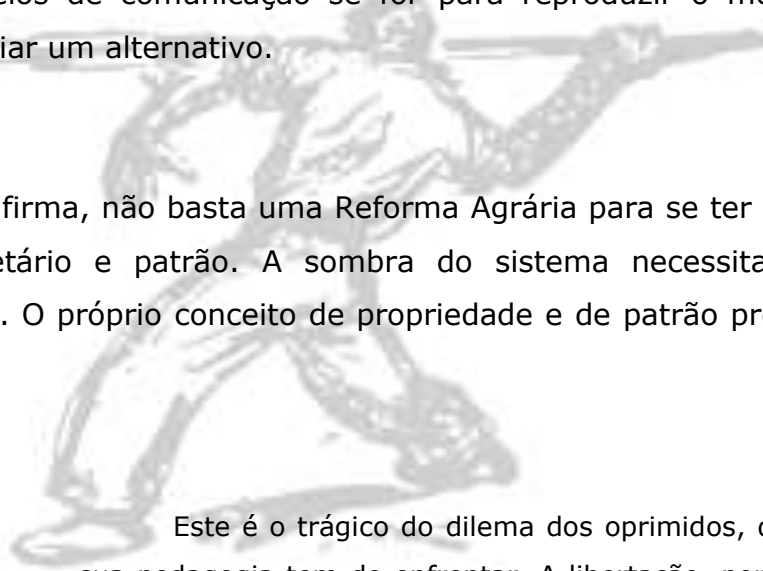
Temos que procurar a inserção dos oprimidos no processo histórico. Construir assim sujeitos que tomem consciência e que abram caminhos para a manifestação de suas insatisfações sociais. Necessitamos formas para a recuperação da "humanidade roubada" e negada através da injustiça social e da violência dos opressores. O protagonismo histórico dos oprimidos na transformação da sociedade se torna um fator principal.

Quem, melhor do que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem mais que eles, para ir compreendendo a necessidade de

libertação? Libertação a que não chegará pelo acaso, mas pela práxis de sua busca, pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista de falsa generosidade... (FREIRE, 1987: 20).

Defendemos, portanto, uma pedagogia que provoque a reflexão e o engajamento na direção da libertação. Uma libertação real em que jamais o oprimido possa se identificar com o seu contrário. Não adianta a apropriação dos meios de comunicação se for para reproduzir o modelo atual. Precisamos criar um alternativo.

Como Paulo Freire afirma, não basta uma Reforma Agrária para se ter terra e tornar-se proprietário e patrão. A sombra do sistema necessita ser totalmente apagada. O próprio conceito de propriedade e de patrão precisa ser eliminado.



Este é o trágico do dilema dos oprimidos, que a sua pedagogia tem de enfrentar. A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos (FREIRE, 1987:23).

A solidariedade libertadora proposta por Paulo Freire é construída através de uma práxis. Temos assim que promover a transformação radical da situação responsável pela opressão e que está presente nos meios de comunicação como funcionam atualmente. Tudo começa por uma reflexão e

uma ação. Através da comunicação independente, os oprimidos começam a tomar uma consciência crítica.

A percepção do mundo da opressão é, através de uma práxis (Educomunicação), transformada, para, finalmente, construir-se um processo permanente de libertação. A Educomunicação se insere como ferramenta possível e importante para a construção desta pedagogia transformadora e libertadora.

Liberdade de expressão em tempo de redes sociais!

A imprensa livre é uma das mais importantes expressões da democracia. No entanto, nossa história está repleta de casos de violação à imprensa livre por parte de Estados autoritários em todo o mundo. Liberdade de imprensa está diretamente relacionada com liberdade de expressão, opinião, mobilização. O maior problema é que hoje os principais meios de comunicação em todo o mundo estão na mão de grandes empresas com interesses capitalistas. A verdade é que nenhum local do mundo é exemplo de liberdade da mídia. Isso justifica todos os empreendimentos na direção de uma mídia libertadora e independente como pode ser a Educomunicação.

A UNESCO definiu o dia 3 de maio como o Dia Internacional da Liberdade de Imprensa que faz parte do Programa de Liberdade e Expressão, Democracia e Paz da instituição. Existe uma Comissão Mundial para a Proteção de Jornalistas, já que mais de 100 profissionais são mortos por ano em todo o planeta, durante o exercício de seu trabalho. Os casos de ameaças, agressões e prisões também são alarmantes. Em todos os países o jornalismo é considerado uma profissão de risco. Lembramos que o filósofo grego, Sócrates, foi obrigado a tomar veneno por causa de suas opiniões e influência com os jovens.

A imprensa moderna inicia-se com as tecnologias introduzidas por Johannes Gutenberg no século XV. Ele aperfeiçoou o sistema mecânico de tipos móveis inventado pelos chineses quatro séculos antes. A prensa móvel permitiu a produção em massa de livros e pela primeira vez o que podemos classificar como “comunicação de massa”.

A partir do século XVI assistimos o surgimento da indústria de comunicação. Na época já predominavam panfletos e publicações com rumores e especulação, muito próximo do que vemos hoje nos bloggers. O poeta inglês John Milton, nos meados do século XVII, realizou um discurso para o Parlamento Britânico exigindo a liberdade de expressão. Finalmente, em 1791, a Constituição dos Estados Unidos foi a primeira a incluir texto afirmando a liberdade de expressão e de imprensa como direito fundamental. País que, entretanto, praticou, ao longo de sua história, vários atos contra esta liberdade com perseguições a jornais e jornalistas.

Em 1919, o presidente americano Woodrow Wilson promoveu o chamado *Red Scare* que foi uma ação para reprimir a imprensa independente nos Estados Unidos. De 1950 a 1957, foi a vez do Macartismo que armou uma perseguição aos comunistas nos Estados Unidos. Milhares de pessoas, de artistas a funcionários públicos, sofreram repressão e a imprensa de esquerda operária foi massacrada. Agora Trump está agindo contra a imprensa independente utilizando-se das técnicas contemporâneas com disparo de informações falsas, mentirosas, enganosas e agressivas. Trata-se de uma tática para destruir o envolvimento popular e de causar desinformação generalizada. A Educomunicação pode ser uma resposta popular a esta situação.

No Brasil, estamos assistindo algo muito semelhante. País que teve histórias horríveis de perseguição a jornalistas e de censura com destaque para a Era Vargas e a Ditadura Militar. O jornalista Vladimir Herzog se tronou um

símbolo destes atos de repressão e foi morto em outubro de 1975 numa prisão.

Em 1966, a Organização da Nações Unidas (ONU) criou um Programa Internacional de Direitos Civis e Políticos que em seu Artigo 19 afirma o Direito a pesquisar, receber e compartilhar todos os tipos de ideias na forma oral, escrita, impressa, artística ou de qualquer outro tipo de mídia. No entanto, são inúmeras as denúncias para a Comissão de Direitos Humanos sobre a desobediência desta Convenção. Governos continuam de várias maneiras criando restrições à imprensa livre, alegando em geral motivos de segurança, mas também religiosos, culturais.

A Organização Não Governamental (ONG) Repórteres Sem Fronteiras (RSF) publicou recentemente nota sobre o Brasil, afirmando que o país é um dos mais perigosos da América Latina para jornalistas. Demonstra uma preocupação com os investimentos por parte do governo para promover a desinformação e que crescem as ameaças à liberdade de expressão e de imprensa. A ONG ainda afirma que a imprensa na América Latina está toda sob o controle de pequenos grupos de poderosos que fazem parte da elite econômica e política. No caso do Brasil, esta elite possui 70% dos canais de comunicação. Na Colômbia, três grupos controlam 57% da imprensa e no Peru 68% está na mão de um único grupo.

Este fato faz com que muitos dos conflitos sociais, dos movimentos e da própria diversidade cultural sejam camuflados. Já que estas manifestações possuem poucos e fracos meios de se comunicarem com a população. O mais importante é defendermos e lutarmos sempre e de forma incisiva por uma comunicação independente dos interesses das grandes corporações e do Estado, não aceitarmos qualquer forma de pressão contra jornais e jornalistas e fortalecermos as leis que protejam os repórteres, escritores, artistas, movimentos sociais de expressarem suas opiniões com liberdade absoluta. Agências de segurança e inteligência sofisticam seus aparatos de

investigação e bloqueio de informações. Na internet crescem também as técnicas de seleção e filtro de informações, assim como as formas comerciais para a divulgação de notícias.

No entanto, vários grupos alternativos e de resistência atingem um público enorme de seguidores para distribuírem e difundirem seus pensamentos. Um exemplo marcante são os povos tradicionais que cada vez mais se apropriam dos meios de comunicação, utilizando as técnicas e as tecnologias contemporâneas. O fato é que estes povos sempre foram fortes na comunicação através de suas formas tradicionais como a memória oral e aquele presente de maneira muito rica e forte dos mitos e rituais e hoje estão aprendendo a se utilizarem das formas contemporâneas de comunicação. A Educomunicação se insere neste processo importante.

Educomunicação como Ferramenta de Transformação

A principal causa da crise da Civilização Ocidental com seus impactos sociais e ambientais é a educação conservadora e liberal. A educação promovida por esta sociedade, responsável pela criação do sistema capitalista, é baseada no egoísmo e na exploração das pessoas e da natureza. Promoveu também uma educação diferenciada para oprimidos e opressores. Precisamos, portanto, de uma pedagogia que insista na criação de uma justiça socioambiental.

A educação e a comunicação presentes no capitalismo e fortalecidas pelo neoliberalismo é calcada na transmissão de informações e não no desenvolvimento de processos críticos e libertários. Defendemos, ao contrário, uma educação e um sistema de comunicação críticos que priorizam os debates, as discussões, a libertação da opressão para as comunidades. A educação torna-se assim uma estratégia para o empoderamento das comunidades, formando-se jovens críticos e transformadores (FERREIRA, 2016).

Considerações finais

Visualizamos a Educomunicação como uma estratégia e uma ferramenta que contempla os princípios da construção de uma pedagogia libertadora presente em Paulo Freire e que, ao mesmo tempo, promove um sistema de comunicação empoderado pelas comunidades oprimidas, indo na contramão da mídia capitalista empresarial. A junção de educação com comunicação é uma forma de aproveitarmos as mídias contemporâneas na direção da libertação e do fortalecimento do sentido crítico, onde o protagonismo é popular. Rompendo assim com as formas conservadoras de pedagogia e de comunicação.

Referências

FERREIRA, F.P.M *Educação Ambiental Transformadora, Crítica e Revolucionária através da Educomunicação* in **Anais de Uso Público em Unidades de Conservação Volume 4**, Niterói: UFF, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**, RJ: Paz e Terra, 1987.

¹ Francisco é jornalista formado pela PUC Rio, Mestre em sociologia e antropologia (PPGSA UFRJ) e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente (PPGMA) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi coordenador do Mosaico de Unidades de Conservação da Mata Atlântica Central Fluminense (2009 a 2017) onde desenvolveu trabalho de Educomunicação nas comunidades.

